

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

IMAGENS COMO DISPOSITIVO PARA CARTOGRAFAR E ESCREVER O MEMORIAL DA PESQUISA

Silvia de Amorim
UDESC
silviade.amorim@gmail.com

Ana Maria Hoepers Prevê
UDESC
anamariapreve@gmail.com

Resumo

A escrita compartilha um começo difícil de quase ausência. A abertura para as imagens como dispositivo à construção do memorial da pesquisa torna possível o impossível. Composta com as sensações do *fibro fog* e com as tropas de imagens foi possível traçar um percurso. E aí, um caminho se abriu em composição com o que nos acontece. Ao acionar as imagens criou-se uma cartografia com as noções de desdobrável de Carola Saavedra (2021), de escrita fragmentada de Rosane Preciosa (2010) e de tropa de imagens de Wenceslao Oliveira Júnior (2020). O texto é um relato de um processo em curso, sem fim e sem ponto de chegada. Afirmitivamente, consideramos a força viva dos processos ao acolherem o imprevisto.

Palavras Chave: Escrita como criação; Perspectiva cartográfica da pesquisa; Pensar com dispositivos; Tropa de imagens.

Introdução

*O mundo físico seria a caligrafia do mundo espiritual,
uma escrita feita de letras, mas também de imagens,
de sons, de terra e pó de estrelas.*

Carola Saavedra

Iniciar está escrita foi como adentrar na descoberta da caligrafia de um texto. Uma escrita com uma caligrafia que chega acompanhada do corpo que buscava desacelerar. Na rotina diária corrida ao dividir o tempo entre ser professora de educação infantil, pesquisadora, ter vida pessoal, atenta aos cuidados mentais e físicos necessários por ser fibromiálgica, surgem as dificuldades, as dúvidas e as primeiras letras.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Uma mente acelerada, com perguntas em processo de modificações constantes com as contribuições das disciplinas do doutorado como a Seminário de Pesquisa¹. Nela, cada aula, um convite à aproximação das nossas pesquisas, e assim ficarmos atentos aos detalhes. Aceitar essa proposta significava comprometer-se a escrever o processo, a estar próximo sem esquecer dos detalhes, marcando no texto como cada um se mistura com o tema da pesquisa. Depois disso um convite a contar a história dessa relação temática. Convite aceito, passamos a questionar: Ficar com o quê? Próximo ao que? Quais detalhes? Até aquele momento estava um tanto bloqueada para adentrar no processo de criação que essa escrita me convidava. Mesmo com os encontros nas aulas, com a sugestão de epígrafes, autores, textos, podcast, livros, reflexões e muita conversa, não conseguia encontrar o começo. Com o passar dos dias, a angústia aumentava, sem ideias, ouvia meus colegas relatando seus processos de criação dos seus memoriais de pesquisa. Ou seja, não conseguir elaborar esse memorial significava deixar evidente minha dificuldade em criar uma escrita que desse conta dos envolvimento e enredamentos da pesquisa com a sua pesquisadora. As tramas que situam o memorial marcam sempre que uma pesquisa é situada, pois nenhuma delas deveria estar descolada da trajetória daquele que a propõe. Com esse processo, um tanto difícil e doloroso, mesmo que apresentando dificuldades, tenho chegado aos poucos no problema de pesquisa.

Na verdade, escutava meus colegas trazendo à tona suas trajetórias, como uma rede emaranhada de situações que constitui um tema de pesquisa no encontro com cada pesquisador. Todo o tema que vira um problema de pesquisa tem uma trajetória nos pesquisadores, mas eu ainda estava perdida nos emaranhados e não conseguia abrir uma via para a escrita do meu memorial de pesquisa.

O encontro da imagem com o dispositivo – uma via para a escrita

Essas perguntas ficaram e se fizeram presentes no encontro do Cinema de Grupo para Professores, pertencente ao laboratório Kumã². Neste grupo trabalhamos com produção de cinema com base nos dispositivos. E, na mesma semana que estava às voltas com o memorial, ainda diante da página em branco, decidimos no grupo Kumã que o dispositivo mobilizador

¹ Seminário de pesquisa em Currículo, diferença e Educação Inclusiva compõe a grade curricular dos Cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Ofertada no primeiro semestre do ano letivo de 2025 e ministrada pela professora Dr^a Ana Maria Hoepers Prevê. A disciplina tinha como um dos focos problematizar novas possibilidades de pesquisas no campo do currículo e da inclusão sob a perspectiva do que se constitui como diferença.

² Kumã, assim chamado o Cinema de Grupo para Professores pertencente ao Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Imagem e Som vinculado a Universidades Federal Fluminense/UFF. Os encontros ocorrem virtualmente e utilizam como base para pensar os dispositivos os Cadernos Inventar com a Diferença disponibilizados em <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/546>.

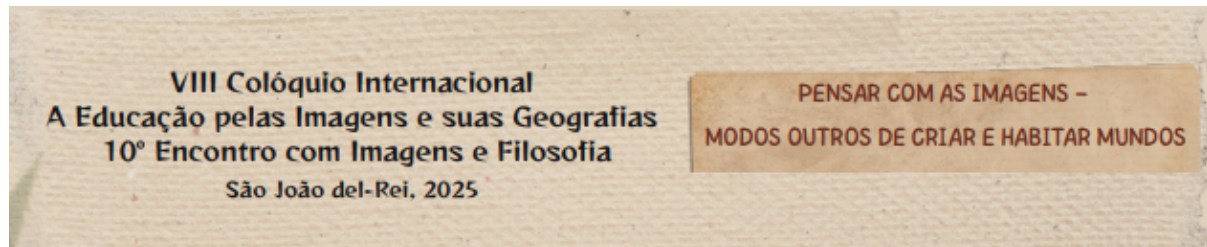
seria o *desenho com base na palavra pureza* e depois o vídeo, sobre o desenho, teria duração de um minuto. Com esse protocolo algo começou a se mover aqui. Diante disso, pensar o ato de desenhar, a busca pela criação de uma imagem nos fez olhar para o processo de produção dos desenhos realizados pelas crianças. Comecei a me ocupar pelas imagens com recordações da minha infância que foram chegando devagar. Esta conexão trouxe, no primeiro momento, a relação com a natureza. Na figura 1 mostro a lembrança do pé de goiaba cujos galhos me acolhiam ao saborear suas goiabas, serviam para subir no muro onde caminhava me equilibrando; depois a cerca de arame farpado, que eu pulava para correr do outro lado, interagia com animais.

Figura 1: Dispositivo - Desenho baseado na palavra pureza



Fonte: Acervo da pesquisadora

O dispositivo do desenho se transformou no acionamento de imagens mentais. Wenceslao Oliveira Júnior (2020, p.3) retoma o termo “tropa de imagens”, criado por Fernand Deligny, para identificar o processo da presença de inúmeras imagens ocupando a mente, passando a unir-se a outras imagens. O desenho despertou memórias da infância e da pré-adolescência. Resgatou o corpo que brincava e nas festas de família ficava a cuidar e ensinar as crianças menores e bebês. Portanto, estas “tropas de imagens”, que emergiram de cenas significativas da minha trajetória e vieram à superfície, me compõe como pesquisadora, atravessando o meu problema da pesquisa. Assim, as imagens mentais se transformaram em dispositivos mobilizadores para a criação da composição da cartografia e a escrita do memorial.



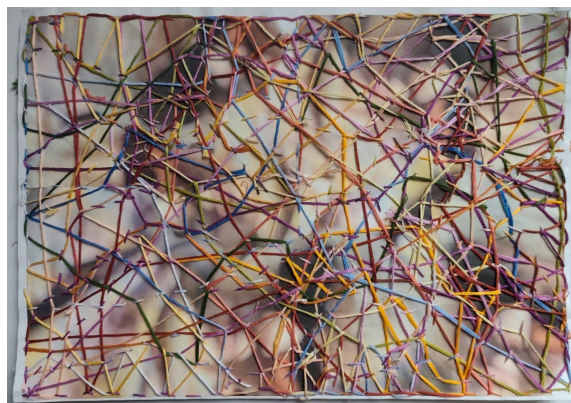
A cartografia e escrita do memorial

O mergulho nas imagens mentais contou com a contribuição das fotografias reveladas e guardadas em álbuns familiares. Poucas fotografias, com quase quarenta anos, traziam nas cenas uma característica específica, em que se tratava de poses registradas e ganhavam movimento e enredos ao acionar as lembranças. Esta ação proporcionou ao corpo ganhar amplitude e perspectivas de se compor com o passado, presente e futuro.

As imagens ganharam destaque na minha pesquisa porque encontraram um lugar em mim, desencadeando a vontade de organizá-las. Um corpo com vestígios da construção do conhecimento na linearidade criou uma linha do tempo e se emaranhou, desfazendo linearidades. Esta organização proporcionou a primeira tentativa de escrita do memorial, complexificada pelos nevoeiros mentais³.

Entretanto, a linearidade do pensamento invisibiliza a composição simultânea das imagens, conseqüentemente a ocupação delas no processo de escrita. Para Deleuze e Guattari (2011) escrever é cartografar, portanto as imagens deveriam se estruturar no papel, como são de fato organizadas, em rizomas. As imagens se conectaram e geraram uma cartografia viva. O ato de bordar se compôs com a fotografia, dando origem a um registro visual da busca pelos detalhes a serem denominados como partes integrantes no memorial. Um compor a partir de conexões, afetos e fragmentos pertencentes a esta pesquisadora. A figura 2 é a materialização deste processo, linhas que atravessaram e vêm criando o caminho.

Figura 2: Cruzamento dos afetos na produção do Memorial de Pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisadora

³ Nevoeiro mental ou *fibro fog* é considerado sintomas da fibromialgia que ocasiona dificuldades de concentração, memória, raciocínio e atenção. Para mais informações é acessar este link: <https://psicologaluananodari.com.br/o-que-e-nevoa-fibro/>

O processo de bordar as imagens vem se constituindo num tempo determinado pelo meu corpo. A *fibromialgia*⁴ se misturou àquela cartografia ativamente. Desde então tenho me composto com ela para produzir as imagens da pesquisa. Esta imagem, de um *corpo com fibromialgia*, transformou-se em dispositivo para a escrita do memorial e potencializou uma composição textual diferenciada. Numa escrita fragmentada, inspirada em Rosane Preciosa (2010), livre ao conectar palavras e criar paisagens escritas.

E cada paisagem escrita, assim como as imagens, elas se desdobravam. Para a autora Carola Saavedra (2021) o termo desdobrável carrega o sentido de abertura para algo que sempre esteve ali, nunca esteve ou o surgimento mobilizado por outro. Diante dos fragmentos, as paisagens escritas indicavam sua potencialidade de serem desdobráveis. Por isto, cada trecho nesse memorial vem recebendo título de desdobrável 1, 2, 3... e assim sucessivamente.⁵

Sem fim!

Os processos não têm fim. Estão sempre no meio. As imagens continuam mostrando a sua potência, neste caso funcionando como dispositivo para a produção de memorial de pesquisa. E uma imagem sempre leva para outra. Um processo que nos conduz a outro. Um processo contínuo, sem fim, de acionar outras e outras imagens mentais produzindo o efeito ‘tropa de imagens’. O memorial não é a história linear do tema de pesquisa na vida da pesquisadora, antes a espacialização do problema da pesquisa na vida de quem pesquisa: por que estamos tratando de um tema-problema e não de outro? Como isso toma o corpo do pesquisador; como se é atravessado por ele, tocado, tomado... E, aqui, como acontecimento de um processo, temos a força da fibromialgia em tais composições. A espacialização destes problemas de pesquisa nos convoca às singularidades dos processos. Estamos diante deles, de frente, aberto às composições com a diferença.

Referência

⁴ A fibromialgia é interpretada como uma condição física de dor generalizada no corpo acompanhada por fadiga intensa; distúrbio do sono; problemas de memória e concentração chamado de *fibro fog* ou névoa fibromiálgica; sensibilidade ao toque, frio e calor; rigidez muscular; ansiedade e/ou depressão. O tratamento deve ser pensado a partir de um acompanhamento multidisciplinar como previsto na lei nº15.176/2025. Esta lei também reconhece a fibromialgia como sendo uma deficiência. Para mais informações, acesse os seguintes sites: [Fibromialgia - Sociedade Brasileira de Reumatologia](#); [Lei protege direitos de pessoas com fibromialgia no SUS — Senado Notícias](#).

⁵ Optamos em não abrir o memorial neste texto por considerar a relevância do processo. Portanto, me ative a contar o seu processo inicial, o contato com a página em branco e como a venci. O memorial será aberto na composição com a pesquisa e na construção textual da tese.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.1. Tradução Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2011.

MIGLIORIN, César [et al.]. **Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos**. ilustrações Fabiana Egrejas. - Niterói (RJ); EDG, 2016.

OLIVEIRA, W. M. Jr. **Tropas de imagens partilham o (não) saber geográfico: territórios contestados de poder**. *Punto Sur*, v. 2, p. 5-19, 2020. Doi: <https://doi.org/10.34096/ps.n2.8085>. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/RPS/article/view/8085>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade: sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo Desdobrável: ensaios para depois do fim**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.